

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**9,0**

**PROCESSO DE DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS  
NA LÍNGUA PORTUGUESA**

TATIANE DOS SANTOS ROCHA

tatianerocha\_mt@hotmail.com

Orientador: Prof. ILSO FERNANDES DO CARMO

**JUÍNA/2012**

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**PROCESSO DE DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS  
NA LÍNGUA PORTUGUESA**

TATIANE DOS SANTOS ROCHA

Orientador: Prof. ILSO FERNANDES DO CARMO

*“Trabalho apresentado como exigência  
parcial para a obtenção do título de  
Especialização em Língua Portuguesa.”*

**JUÍNA/2012**

Dedico este trabalho à minha família que sempre esteve presente e me deu apoio e incentivo para continuar nesta caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela vida. À minha família que sempre me incentivou na busca pelo conhecimento. Ao meu orientador que me auxiliou na realização deste trabalho. Aos meus amigos de graduação que continuaram comigo nesta caminhada. Ao meu amado que me acompanhou e me deu forças. Por fim, agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para meu conhecimento e crescimento pessoal que serão indispensáveis por toda a minha vida.

“Ainda que eu falasse a língua dos homens, e falasse a língua dos anjos, sem amor, eu nada seria.”

(I Coríntios 13)

## RESUMO

Este trabalho aborda os principais processos de formação de palavras na língua portuguesa. Os achados empíricos definem que morfologia é a área da linguística que estuda os processos de formação das palavras. Os afixos são elementos mórficos que se unem à base da palavra; os prefixos podem ter forma livre e os sufixos, normalmente, têm forma presa. Os processos gerais de formação de palavras são: a derivação – que ocorre quando há apenas um radical e a ele são anexados afixos (prefixo/sufixo) e a composição – que ocorre por meio da junção de dois radicais para formar uma nova palavra. A metodologia desenvolvida neste trabalho é a pesquisa bibliográfica. Consideramos fundamental estudar o processo de formação de palavras, pois esta é o principal instrumento de comunicação entre os falantes.

**Palavras-chave:** palavras, derivação, composição, afixos.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
CAPÍTULO I – MORFOLOGIA .....	10
1.1 Definições do termo .....	10
1.1.1 Morfologia lexical.....	10
1.1.2 Morfologia flexional .....	11
1.2 Afixos: prefixos e sufixos. ....	11
1.2.1 Prefixos .....	11
1.2.2 Sufixos.....	12
CAPÍTULO II - CLASSIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS DA PALAVRA PARA DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA .....	13
2.1 Raiz .....	13
2.2 Radical. ....	13
2.3 Tema .....	13
2.4 Vogal temática.....	14
2.5 Desinências.....	14
2.6 Vogal e consoante de ligação .....	18
CAPÍTULO III - PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA .....	16
3.1 Processo de derivação .....	16
3.1.1 Derivação prefixal.....	17
3.1.2 Derivação sufixal.....	18
3.1.3 Derivação parassintética.....	20
3.1.4 Derivação regressiva.....	20
3.1.5 Derivação imprópria ou conversão.....	21
3.2 Processo de composição.....	21
3.2.1 Justaposição.....	22
3.2.2 Aglutinação.....	22
4 Flexão de número dos compostos.....	24
5 Outros processos de formação de palavras.....	27
5.1 Onomatopéias.....	27
5.2 Reduplicação ou redobro.....	27

5.3 Híbrido.....	28
5.4 Siglas.....	28
5.5 Abreviação.....	29
5.6 Abreviatura.....	30
5.7 Neologismo.....	31
5.7.1 Tipologia Neológica.....	31
5.7.2 Neologia, Léxico e Semântica.....	34
Considerações Finais.....	36
Referências Bibliográficas.....	38

## INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta os principais processos de formação de palavras na língua portuguesa. Levando em consideração que a língua portuguesa sempre foi objeto de pesquisa de muitos estudiosos, consideramos importante analisar os processos de formação das palavras a fim de compreender melhor nossa língua materna. O processo de formação das palavras não ocorre de forma livre, portanto, é fundamental estudá-lo.

Para a realização deste, desenvolvemos como metodologia a pesquisa bibliográfica. Foram realizados estudos pertinentes ao tema a partir do seguinte referencial teórico: Evanildo Bechara (2005), Leonor Scliar Cabral (1974), Margarida Maria Taddoni Petter In: José Luiz Fiorin (2005), Valter Kehdi (2002) e Celso Pedro Luft (1976). A partir desses autores esperamos alcançar o nosso objetivo de conhecer e compreender os processos de formação das palavras no nosso idioma e podermos comparar diferentes teorias.

Basicamente, temos dois processos gerais de formação de palavras: a derivação – no qual são acrescentados afixos à base – e a composição – formada pela junção de duas ou mais bases para formar uma nova palavra, com um novo significado.

Com relação à derivação, destacamos que existem diferentes formas de colocação dos afixos. Portanto, temos derivação prefixal, formada por prefixo+base; derivação sufixal, formada por base+sufixo; derivação parassintética, formada por prefixo+base+sufixo e derivação regressiva, que ocorre quando reduzimos uma palavra para formar uma nova palavra.

No processo de composição, diferentemente do que ocorre na derivação, temos a junção de duas ou mais bases para formar uma nova palavra. A flexão de número das palavras compostas apresentam algumas regras, às quais se enquadram cada tipo de composto.

Este trabalho está distribuído em três capítulos. No primeiro capítulo apresentaremos a definição do termo morfologia; o uso da palavra como unidade formal da linguagem e o emprego dos afixos nas palavras no nosso idioma. No segundo capítulo daremos a definição dos elementos que constituem a palavra por

meio de uma descrição morfológica. No terceiro capítulo abordaremos os principais processos de formação de palavras na língua portuguesa: derivação e composição. Apresentaremos também as regras de formação do plural das palavras compostas.

# CAPÍTULO I

## MORFOLOGIA

### 1.1 DEFINIÇÕES DO TERMO

Conforme Margarida Maria Taddoni Petter (2005, p. 60), morfologia é “a área da linguística que estuda a forma das palavras.” O termo morfologia foi empregado a princípio nas ciências naturais e humanas e, somente a partir do século XIX, passou a ser empregado como termo da linguística.

Uma definição de morfologia que a considere como componente separado da sintaxe e tendo como unidade mínima e máxima de seu objeto, respectivamente, o morfema e a palavra seria: parte da gramática que descreve as unidades mínimas de significado, sua distribuição, variantes e classificação, conforme as estruturas onde ocorrem, a ordem que ocupam, os processos de formação de palavras e suas classes. (CABRAL, 1974, p. 129).

De acordo com PETTER (2005, p.62), a palavra é a unidade formal da linguagem. Podemos formar enunciados com apenas uma palavra ou com um grupo de palavras. A gramática tradicional atribui dois significados ao termo palavra: o primeiro é entender a palavra em seu único sentido, sem procurar formar outras palavras a partir da primeira; o segundo é considerar a possibilidade de formar várias palavras a partir de uma mesma palavra.

Num sentido mais amplo, em que as palavras são signos linguísticos, poderíamos associar a forma ao significante do signo linguístico, sua expressão sonora, que se relaciona com o significado, o conteúdo semântico (PETTER, 2005, p. 62).

Segundo a autora, uma palavra pode ser estudada superficialmente em seu sentido, de forma livre; pode também ser estudada em sua unidade mínima; essas unidades mínimas, quando possuem significado, são chamadas morfemas. O morfema está ligado ao estruturalismo, pois este buscava identificar os morfemas nas diversas línguas existentes.

Os estudos da morfologia segundo PETTER (2005, p. 69), são subdivididos em dois campos, a partir do quadro teórico estruturalista:

#### 1.1.1 MORFOLOGIA LEXICAL

Conforme PETTER (2005, p. 69), a morfologia lexical estuda os processos morfológicos da formação de palavras novas. Tem como mecanismo básico a derivação das palavras, por exemplo, pescar – pescador, pensar – pensador.

Embora, nesse processo ocorram diversas lacunas, como em: “ensinar - \*ensinador, estudar – \*estudador, porque os lugares já estão ocupados por professor, mestre, lente e estudante (SANDMANN, 1991, apud PETTER, 2005, p. 70).

### 1.1.2 MORFOLOGIA FLEXIONAL

De acordo com a autora, a morfologia flexional estuda os processos morfológicos dotados de informações gramaticais. “O mecanismo básico é a flexão, que forma conjuntos sistemáticos completos ou fechados, os paradigmas flexionais das conjugações verbais, por exemplo.” (PETTER, 2005, p. 70).

A maior parte da criatividade lexical da língua portuguesa é formada pela derivação lexical, pois esta possibilita a formação de neologismos, como por exemplo, “pelos sufixos *-ismo* ou *-ista* difundidos pelos jornais: *lulismo, serrismo, cirista, brizolista*.” (PETTER, 2005, p. 70).

## 1.2 AFIXOS: PREFIXOS E SUFIXOS.

### 1.2.1 PREFIXOS

Evanildo Bechara (2005, p. 338), define que prefixos são elementos mórficos que se unem ao início da base, dando um novo significado ao radical. Os prefixos estão semanticamente relacionados com as preposições.

Geralmente, os prefixos se unem a verbos – “*reter, conter, deter* – ou a adjetivos: *infeliz, desleal, subterrâneo*” (BECHARA, 2005, p. 338). Com menos frequência os prefixos antecedem os substantivos; sendo que “os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate*.” (BECHARA, 2005, p. 338).

O autor expõe que os prefixos não alteram a classe gramatical das palavras. Eles são mais significativos e podem ser usados como formas livres: as preposições (ainda que não haja preposição correspondente a todos os prefixos). (BECHARA, 2005, p. 338).

Valter Kehdi (2002, p. 08), cita alguns prefixos empregados de forma livre, ou seja, como preposições: “*contra-, entre-, contrapor – entreabrir*.” Conforme o

autor, esse fato levou vários gramáticos a classificarem o processo de derivação prefixal como processo de composição.

No entanto, KEHDI (2002, p. 08), enfatiza que nem todos os prefixos podem ser empregados de forma livre, pois dependem do radical para terem significado, por exemplo, *desleal* e *reler*, não existe significado para as formas livres *des* e *re*.

O autor acrescenta que alguns verbos formados pelo processo de prefixação, têm como complemento verbal a mesma preposição do prefixo deste verbo: “*conviver com... depender de... encarcerar em...*” (KEHDI, 2002, p. 09)

## 1.2.2 SUFIXOS

Segundo BECHARA (2005, p. 338), os sufixos são elementos mórficos que não tem uso independente na língua, portanto, são chamados “forma presa”. Esses elementos mórficos se unem ao final da base para formar uma palavra nova. O sufixo pode alterar a classe gramatical do radical da nova palavra derivada. O autor distribui os sufixos em dois tipos:

[...] nominais (formadores de substantivos e adjetivos), verbais (do verbo) e o único adverbial, que é *–mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda – comodamente*. (BECHARA, 2005, p. 338).

Nesse sentido, Valter Kehdi (2002, p.7), apresenta a palavra *mente*, que pode ser empregado de forma livre, como também pode ser empregada como sufixo de adjetivos e advérbios. Para melhor compreensão do uso do sufixo, podemos citar como exemplos de advérbios com o sufixo *–mente*: *rapidamente, normalmente*.

Conforme BECHARA (2005, p. 349)

[...] o sufixo adverbial *–mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios.

## CAPÍTULO II

### CLASSIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS DA PALAVRA PARA DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA

#### 2.1 RAIZ

Conforme Leonor Scliar Cabral (1974, p. 110), raiz é a unidade irreduzível da palavra, da qual podemos formar várias outras palavras que pertençam à mesma família, pela composição ou pela derivação. A raiz é obtida após serem retirados todos os parciais recorrentes que houver na palavra. Ela tem uma significação básica, serão, portanto, os afixos que irão especificar o sentido da palavra. Por exemplo: *stud-* (ar, ante, ioso), *corr-* (er, ida, eadeira), *louc-* (o, ura, enlouquecer)

#### 2.2 RADICAL

Segundo CABRAL (1974, p.110), “o radical é a parte da palavra pronta para receber novos elementos mórficos.” De acordo com o autor, o radical nas palavras primitivas pode ser confundido com a raiz, enquanto nas palavras derivadas ele pode coincidir com a raiz.

Celso Pedro Luft (1976, p.90), afirma que a raiz se torna radical quando é formada a palavra, ou seja, quando são colocados afixos ou vogal temática na raiz, por exemplo, *leit-eiro*, *pesc-ador*.

BECHARA (2005, p.341), define o conceito de raiz e radical primário como ambos sendo iguais, ao passo que Cabral (1974, p.110), define-os separadamente, enfatizando que ambos se confundem.

“A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra*, *regrar*, *desregrar*)” (BECHARA, 2005, p.341).

#### 2.3 TEMA

De acordo com LUFT (1976, p. 93), tema é a junção de radical + vogal temática. As palavras invariáveis são formadas exclusivamente pelo radical, por

exemplo, “*lápiz, pires, simples*”, enquanto as palavras variáveis são formadas pelo tema + desinência, como em “ros-a-s, escrev-e-s” (LUFT, 1976, p.93).

## 2.4 VOGAL TEMÁTICA

Conforme BECHARA (2005, p.337), vogal temática é a vogal que se une ao radical para que juntos possam formar o tema da palavra.

Segundo LUFT (1976, p. 92), após unir a vogal temática ao radical podem ser anexadas as desinências: Rd+ Vt+ D. Sua função é, portanto, classificar as classes de nomes e verbos. O autor subdivide as vogais temáticas da seguinte maneira:

- a) Vogais temáticas nominais: {a, e, o} – marcam classes de substantivos e adjetivos: aula, classe, aluno: persa, inteligente, alto.
- b) Vogais temática verbais: {a, e, i} – marcam as 3 conjugações: compra(r), vende(r), parti(r). (LUFT, 1976, p. 92)

## 2.5 DESINÊNCIAS

Para LUFT (1976, p. 92), as desinências são elementos mórficos acrescentados ao final das palavras. Conforme o autor (1976, p. 92), elas flexionam as palavras, tanto os nomes quanto os verbos; portanto, as desinências são divididas em:

- a) “Desinências nominais: de gênero e de número [...]”;
- b) Desinências verbais: modo-temporais e número-pessoais [...]”;
- c) Desinências verbo-nominais: das formas nominais do verbo.”

## 2.6 VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

De acordo com LUFT (1976, p. 94) vogal temática e consoante de ligação são fonemas que “aparecem no interior dos vocábulos apenas para facilitar a pronúncia.” Portanto, elas não alteram o significado da palavra. “Vogais de ligação: *desenvolvimento, gasOgênio, untUoso*. Consoantes de ligação: [l] *chaleira, paulada*; [t] *cafeteira*; [z] *capinzal, bambuzal, pazada*.” (LUFT, 1976, p. 94).

Conforme o autor, as vogais de ligação, às vezes, ocupam a posição das vogais temáticas que se internalizam nas palavras derivadas; em alguns casos essas vogais permanecem na mesma posição: “*levanta(r): levant**A**mento: canta(r): cant**A**dor – cant**Á**vel; deve(r): dev**E**dor; supri(r): supri**l**imento*”; (LUFT, 1976, p. 95),

Outras vezes elas sofrem alteração em sua posição: “*arrep**e**nde(r): arrebend**l**imento; tem**e**(r): tem**l**do, tem**í**vel; luto: lut**U**oso; hábit**O**: habit**U**al; gas**Es**: gas**O**gênio; claro: clar**l**vidente.*” (LUFT, 1976, p. 94)

## CAPÍTULO III

### PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Segundo LUFT (1976, p. 95), a língua portuguesa tem, fundamentalmente, dois processos de formação de palavras: derivação e composição. A principal diferença entre ambos é que no processo de derivação temos apenas uma palavra, enquanto no processo de composição temos duas ou mais palavras.

PETTER (2005, p. 70), acrescenta que o processo de formação mais comum para a formação de novos itens lexicais é o processo de derivação, sendo que há maior predominância pelo processo de derivação sufixal que os demais processos de afixação.

De acordo com o autor, na maioria das vezes, a base de uma palavra derivada possui forma livre, ou seja, pode ter sozinha um significado. Esta palavra pode ser verbo, adjetivo ou advérbio. Em alguns casos, a base de palavras pode ter forma presa, ou seja, não ter sozinha um significado.

Conforme PETTER (2005, p. 71), o processo de composição ocorre pela junção de duas bases. Essas bases podem ter formas livre, como em *guarda-roupa*, ou formas presas como em *biologia*.

#### 3.1 PROCESSO DE DERIVAÇÃO

Segundo LUFT (1976, p. 95), derivação é o processo de formação no qual recorreremos à uma palavra existente aumentando-a com afixos ou diminuindo-a. No primeiro caso temos a derivação afixal (prefixal ou sufixal), no segundo caso temos derivação regressiva.

De acordo com PETTER (2005, p. 71), temos em nossa língua mais de cinquenta prefixos e cerca de cento e quarenta sufixos. Estes podem determinar o significado e o uso possível de uma palavra. O processo de derivação pode mudar a classe gramatical da nova palavra formada.

Em português, raízes e radicais servem de base para a adjunção de afixos. Se tomarmos a palavra *marinha*, verificaremos que o sufixo *-inha* foi acrescentado à **raiz** *mar-*; já na palavra *marinheiro*, o sufixo *-eiro* foi

acrescentado ao **radical** *marinh-*. A raiz é o elemento irreduzível e comum às palavras derivadas (*mar-inha*, *mar-inheiro*); o radical inclui a raiz e os elementos afixais que servem de suporte para outros afixos, criando novas palavras, como *marinheiro*, cujo radical é *marinh-*. (PETTER, 2005, p. 71).

Conforme PETTER (2005, p. 71), os processos derivacionais são muito produtivos, pois além de existir uma grande possibilidade de combinação de afixos à raiz, por meio dessas combinações pode ocorrer mudança na classe gramatical da nova palavra formada (pensar – pensamento), ideia de negação (irreal), mudança do grau da palavra (livro – livrinho), definição de indivíduos (guitarrista), formação de nomes abstratos (felicidade).

De acordo com Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra (2007, p. 98), as palavras formadas por meio do processo de derivação mantêm uma relação de sentido com o radical da palavra que a formou. No processo de formação de palavras por meio da composição, muitas vezes, as palavras formadas não mantêm nenhuma relação de sentido com os radicais que a compõem.

### 3.1.1 DERIVAÇÃO PREFIXAL

Conforme KEHDI (2002, p. 8), a distinção de prefixo e sufixo não é somente quanto à posição dos afixos. Diferentemente dos sufixos, os prefixos só se juntam a adjetivos e verbos, como um tipo de vocábulo ligado ao verbo.

KEHDI (2002, p. 9), afirma ainda que a derivação prefixal não altera a classe gramatical do radical, por exemplo, *ler* é verbo, *reler* também é verbo. Enquanto a derivação sufixal pode mudar a classe gramatical do radical: “*civilizar* é verbo, ao passo que *civil* é adjetivo.”(KEHDI, 2002, p. 9)

Segundo CUNHA e CINTRA (2007, p. 97), muitos prefixos têm uso independente na nossa língua, pois tem origem em preposições e advérbios que são empregados de forma autônoma, por exemplo, “*contra-* em *contradizer*, *entre-* em *entreabrir*”. No entanto, há também os prefixos que não têm uso independente, por exemplo, “*des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*”.

De acordo com CUNHA e CINTRA (2007, p. 98) os prefixos da língua portuguesa têm origem grega ou latina, mas nem sempre são percebidos como pertencentes a essas origens.

Alguns sofrem apreciáveis alterações em contato com a vogal e, principalmente, com a consoante inicial da palavra derivante. Assim, o

prefixo grego *an-*, que indica privação (*an-ônimo*), assume a forma *a-* antes de consoante: *a-patia*; *in-*, o seu correspondente latino, toma a forma *i-* antes de *l* e *m*: *in-feliz*, *in-ativo*; mas *i-legal*, *i-moral*. (CUNHA e CINTRA, 2007, p.98)

Conforme os autores, não devemos confundir essas alterações com algumas palavras que evoluíram normalmente de alguns prefixos de origem latina como: “*a-*, de *ad-* (*a-doçar*); *em-* ou *en-*, de *in-* (*em-barcar*, *en-terror*).” (CUNHA e CINTRA, 2007, p.98)

### 3.1.2 DERIVAÇÃO SUFIXAL

Segundo CUNHA e CINTRA (2007, p. 102), por meio do processo de derivação sufixal são formados novos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Os autores fazem a seguinte classificação dos sufixos:

*Sufixo nominal* – conforme CUNHA e CINTRA (2007, p. 102), é aquele se liga a um radical para formar um novo nome: substantivo ou adjetivo. Entre eles, temos os sufixos aumentativos e diminutivos, que assumem maior significação afetiva do que lógica.

De acordo com CUNHA e CINTRA (2007, p. 102), dentre os sufixos aumentativos, o formador do maior número de palavras é o sufixo aumentativo *ão*, que pode se unir aos radicais de substantivos, adjetivos e verbos de forma direta como *papelão*, *solteirão*, *chorão*, por meio de consoante de ligação, como *chapelão*, ou por meio de outros sufixos, como *grandalhão*, *comilão*, *vozeirão*.

Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999, p. 171) apresentam alguns sufixos aumentativos, sendo que algumas formas se unem a um pequeno número de palavras: “*-ão*: mulherão; *-alhão*: medalhão; *-aço*: balaço; *-aça*: barcaça; *-azio*: copázio; *-arra*: bocarra; *-orra*: cabeçorra; *-aréu*: povaréu”.

Conforme CUNHA e CINTRA (2007, p. 105) temos vários sufixos diminutivos, no entanto, o que ocorre com maior frequência nas palavras da língua portuguesa é o sufixo *-inho* (*-zinho*), que pode se unir a substantivos, advérbios, adjetivos e palavras invariáveis.

Vejamos os exemplos dos principais sufixos diminutivos, segundo FARACO e MOURA (1999, p. 171)

-inho, -inha: mocinho, mocinha; -zinho, -zinha: pezinho, florzinha; -acho: riacho; -ejo: vilarejo; -ucho: papelucho; -ebre: casebre; -ico: namorico; -ela: viela; -eto, -eta: livreto, saleta; -(z)ito, -(z)ita: cãozito, casita; -ote, -ota: fracote, velhota; -isco: chuveiro; -ola: fazendola.

*Sufixo verbal* – segundo CUNHA e CINTRA (2007, p. 114), é aquele que se une a um radical para formar um verbo. Na maioria das vezes esse novo verbo tem a terminação *ar*, sendo o mesmo formado a partir de um substantivo ou adjetivo. Por exemplo, “*esqui-ar, nível-ar, radiograf-ar, telefon-ar, (a)doç-ar, (a)fin-ar, (a)frances-ar, (a)português-ar.*” (CUNHA e CINTRA, 2007, p. 114).

De acordo com CUNHA e CINTRA (2007, p. 114), “*a terminação -ar é constituída da vogal temática -a-, característica dos verbos da 1.ª conjugação, e do sufixo -r, do infinitivo impessoal.*” Em alguns casos, essa vogal temática não une necessariamente ao radical, mas a um sufixo que foi acrescentado ao radical, como “*afug-ent-ar, bord-ej-ar, lamb-isc-ar, cusp-inh-ar, ded-ilh-ar, depen-ic-ar, salt-it-ar, amen-iz-ar.*” (CUNHA e CINTRA, 2007, p. 114)

Conforme CUNHA e CINTRA (2007, p. 115) a 2.ª conjugação verbal possui o sufixo *-ecer* (ou *-escer*) que forma verbos que representam o início ou o desenvolvimento de um estado, como “*alvor-ecer, anoit-ecer, amadur-ecer, embranqu-ecer, envelh-ecer, escur-ecer, flor-escer, rejuven-escer.*”

*Sufixo adverbial* – segundo CUNHA e CINTRA (2007, p. 115), temos apenas um sufixo adverbial na língua portuguesa, o sufixo *-mente*, que vem do latim “*mens, mentis* ‘a mente, o espírito, o intento’”. Com o sentido de ‘intenção’ e, depois, com o de ‘maneira’”, geralmente ele forma advérbios de modo, como “*bondosamente, fracamente, nervosamente, piamente.*” (CUNHA e CINTRA, 2007, p. 116)

De acordo com FARACO e MOURA (1999, p. 172), esse sufixo passou a se ligar, normalmente, a adjetivos femininos, como “*bondosamente, religiosamente, antigamente.*”

No sentido mais amplo do sufixo PETER (2005, p. 71), comenta:

Os sufixos também apresentam uma significação léxica, mas é mais comum terem um valor geral e abstrato, como *-dade, -ez, -is*, que formam substantivos abstratos (liberdade, viuvez, alegria); *-ense, -este, ício*, que formam adjetivos (catarinense, celeste, vitalício); *-ar, -ear, izar*, que formam verbos (penar, florear, concretizar). Há sufixos que acumulam valores semântico diversos, como *-ada* (I) ideia de coleção (filharada), (II) ideia de golpe (agulhada), (III) ideia de produto alimentar (feijoada), (IV) ideia de duração (temporada).

### 3.1.3 DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

De acordo com PETTER (2005, p.72), o processo de derivação parassintética ocorre quando adicionamos, simultaneamente, prefixo e sufixo à base. Esse processo é mais comum para formar verbos que para formar nomes. “A função semântica é atribuída ao prefixo, enquanto a função sintática cabe ao sufixo, que muda a classe da palavra a que pertence a base.” (PETTER, 2005, p.72)

Segundo BECHARA (2005, p.343) os afixos mais comuns na formação de palavras parassintéticas na língua portuguesa são os “prefixos *es-*, *a-*, *em-*, e os sufixos *-ear*, *-ejar*, *ecer*, *-izar*: *esverdear*, *esclarecer*, *apodrecer*, *anoitecer*, *enraivecer*, *entardecer*, *encolerizar*, *aterrorizar*.”

Assim como PETTER (2005, p.72), LUFT (1976, p.96) afirma que parassíntese é a junção simultânea de prefixo e sufixo ao radical. Este acrescenta que para sabermos se a palavra é parassintética devemos eliminar um dos afixos (prefixo ou sufixo), se o que restar não forma palavra existente na língua portuguesa temos, portanto, a parassíntese. Por exemplo: “*DESalmADO* (*des* + *alma* + *ado*).” (LUFT, 1976, p.96), podemos observar que não existe a forma \**desalma*, nem a forma \**almado*, trata-se de uma palavra parassintética.

Conforme PETTER (2005, p.73), há palavras com prefixo e sufixo que não, necessariamente, são parassintéticas, mas com derivação prefixal e sufixal; como na palavra “*insensatez* reconhecemos diferentes níveis de estruturação: o da prefixação, atribuindo valor negativo ao adjetivo *sensato*, formando *insensato*, e a sufixação de *-ez*, formando *insensatez*.” (PETTER, 2005, p.73)

### 3.1.4 DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Segundo PETTER (2005, p. 72), derivação regressiva é o processo de formação de palavras no qual ocorre a redução de morfemas da palavra existente. Na maioria dos casos, esses derivados são formados a partir de verbos, portanto, chamados substantivos deverbais. Por exemplo, *procura*, de *procurar*, *plano*, de *planejar*, *pesca*, de *pescar*, *fala*, de *falar*.

“Em relação aos deverbais polissílabos (como *dúvida*), dá-se em nossa língua em fenômeno bastante curioso. Em português, há uma oposição entre formas verbais não proparoxítonas e formas nominais”. (KEHDI, 2002, p. 24)

De acordo com o autor, a esse fenômeno damos o nome de “*alternância prosódica (ou acentual)*”, como temos nos exemplos: “*dúvida (subst.) – duvida (verbo), réplica (subst.) – replica (verbo).*” Essa alternância levou à formação de substantivos derivados de verbos conservando os mesmos morfemas da palavra, por exemplo “*retifica (verbo) – retífica (subst.).*” (KEHDI, 2002, p. 25).

### 3.1.5 DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA OU CONVERSÃO

Conforme FARACO e MOURA (1999, p. 183), a derivação imprópria, também denominada conversão, ocorre quando há mudança de classe gramatical da palavra, sem que a forma primitiva da palavra sofra alteração.

Segundo esses autores, nesse processo de formação de palavras geralmente ocorre a substantivação, ou seja, qualquer classe gramatical se transforma em substantivo. No entanto, KEHDI (2002, p. 28) apresenta as seguintes formas de derivação imprópria na língua portuguesa:

- a) de substantivo próprio a comum: *quixote – macadame – champanha*;
- b) de substantivo comum a próprio: *Figueira – Ribeiro – Fontes*;
- c) de adjetivo a substantivo: *circular – brilhante – ouvinte*;
- d) de substantivo a adjetivo: *burro – (guerra) – relâmpago*;
- e) de substantivo/adjetivo/verbo a interjeição: *Silêncio! – Bravo! – Viva!*;
- f) de verbo a substantivo: *afazer – pesar – andar – quebra – vale – pêsame*;
- g) de verbo e advérbio a conjunção: *quer...quer – seja... seja – ora...ora*;
- h) de adjetivo a advérbio: *(falar) alto – (custar) caro*;
- i) de particípio (presente/passado) a preposição: *mediante – salvo – exceto*;
- j) de particípio passado a substantivo e adjetivo: *resoluto – vista – ferida*;
- l) de palavras invariáveis a substantivos: (o) *sim* – (o) *não* – (o) *porquê* (KEHDI, 2002, p. 29-30)

De acordo com KEHDI (2002, p. 30), levando em consideração que com a mudança de classe gramatical, ocorre a mudança de sentido da palavra, muitos estudiosos entendem que esse estudo pertence ao campo semântico e não ao morfológico. No entanto, conforme o autor, não há elementos formais desse processo que o torna exclusivamente objeto de estudo do campo semântico.

## 3.2 PROCESSO DE COMPOSIÇÃO

Conforme KEHDI (2002, p.35) composição “é o processo de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de vocábulos já existentes: *amor-próprio, ganha-pão.*”

De acordo com o autor, ao contrário do processo de derivação, em que há apenas um radical, no processo de composição temos no mínimo dois radicais, que se unem para formar uma nova palavra.

Segundo LUFT (1976, p. 97), ao formar a palavra composta, os elementos primitivos, muitas vezes, perdem o seu significado real, adotando um novo significado na nova palavra, independentemente do conceito das partes que a forma.

O autor cita como exemplo a palavra *guarda-chuva*, que se trata de um objeto que tem por finalidade proteger da chuva, nesse caso, a palavra composta tem relação com as palavras primitivas. Agora, tomemos como exemplo a palavra *mandachuva*, que se trata de um indivíduo importante, e não de alguém que tem por finalidade mandar chuva, nesse caso, a palavra composta não tem relação com o conceito das palavras primitivas.

KEHDI (2002, p. 36), nos apresenta outros exemplos de palavras compostas em que o sentido dos elementos não nos permite deduzir a significação do todo: “*amor-perfeito e pé-de-meia*”.

De acordo com LUFT (1976, p. 98), temos dois processos de composição de palavras, conforme a fusão que ocorre nas palavras que a compõe: justaposição e aglutinação.

### **3.2.1 JUSTAPOSIÇÃO**

Conforme LUFT (1976, p. 98), a justaposição ocorre quando os termos associados mantêm a sua individualidade (como os fonemas e acentos), não causando mudanças nos seus componentes. Por exemplo: *quebra-nozes, terça-feira, guarda-roupa.*

### **3.2.2 AGLUTINAÇÃO**

Segundo LUFT (1976, p. 98) a aglutinação ocorre quando os dois vocábulos ligados “se fundem num todo fonético, com um único acento, perdendo o primeiro alguns elementos fonéticos (acento tônico, vogais, consoantes).” Por exemplo: *lobisomem, planalto, aguardente*.

A composição distingue-se da derivação por seu próprio mecanismo de estruturação: enquanto pela derivação se expressam noções comuns e gerais, o processo de composição permite categorizações mais particulares. A associação de dois elementos independentes do léxico em apenas um elemento cria formas compostas muitas vezes desvinculadas do significado particular de cada um de seus componentes, como em *amor-perfeito*. (PETTER, 2005, p. 72).

## 4 FLEXÃO DE NÚMERO DOS COMPOSTOS

De acordo com KEHDI (2002), a flexão de número dos compostos apresenta algumas regras, nas quais se enquadra cada tipo de composto. No entanto, essas regras podem ter particularidades e exceções. São estabelecidas duas normas essenciais de concordância nominal para a flexão de número dos compostos, conforme KEHDI (2002, p. 44):

- a) “apenas o substantivo é regente de concordância;
- b) um substantivo, ainda que determinante de outro, não se flexiona para concordar, ou seja, substantivo não concorda com substantivo.”

De acordo com KEHDI (2002, p. 45), de certa forma essas normas são interligadas, e a partir delas temos diferentes tipos de compostos e suas regras de formação de plural. Faremos, portanto, uma abordagem sobre essas regras utilizando os exemplos apresentados por KEHDI (2002, p. 45 – 48):

- 1) Se temos um substantivo determinado por um adjetivo – esteja ele antes ou depois – o adjetivo deve concordar com o substantivo.

Exemplos:

*amor-perfeito – amores-perfeitos*

*guarda-civil – guardas-civis*

*alto-relevo – altos relevos*

- 2) Se temos substantivo determinado por substantivo, o substantivo determinante se flexiona em plural, pois, como vimos anteriormente, substantivo não concorda com substantivo, independentemente da presença de preposições.

Exemplos:

*navio-escola – navios-escola*

*escola-modelo – escolas-modelo*

*pão-de-ló – pães-de-ló*

Caso o composto já tenha o segundo elemento no plural, mantêm a mesma regra, pluralizando o primeiro elemento:

Exemplos:

*gato-de-botas – gatos-de-botas*

*cadeira-de-rodas – cadeiras-de-rodas*

3) Se temos verbo determinado por complemento verbal, o verbo não recebe desinência de plural, somente o complemento verbal a recebe.

Exemplos:

*guarda-pó – guarda-pós*

*saca-rolha – saca-rolhas*

*vira-lata – vira-latas*

4) Se temos verbo determinado por um advérbio ou outra palavra invariável, como o verbo não recebe marca de plural e o advérbio é invariável, eles permanecem da mesma no plural.

Exemplos:

( o ) *bota-fora* – ( os ) *bota-fora*

( o ) *pisa-mansinho* – ( os ) *pisa-mansinho*

( o ) *cola-tudo* – ( os ) *cola-tudo*

5) Se temos compostos sem hífen, ou com o primeiro elemento modificado em função do segundo, há flexão de plural somente no elemento final.

Exemplos:

*pontapé – pontapés*

6) Se temos substantivo e adjetivo coordenados, e podemos subentender a conjunção e entre ambos, os dois termos vão para o plural.

Exemplos:

*surdo-mudo – surdos-mudos*

*aluno-mestre – alunos-mestres*

*cirurgião-dentista – cirurgiões-dentistas*

No caso de verbos e nomes onomatopéicos repetidos, devemos colocar somente o segundo elemento no plural.

Exemplos:

( o ) *treme-treme* – ( os ) *treme-tremes*

( o ) *esconde-esconde* – ( os ) *esconde-escondes*

7) Se temos um adjetivo formado por adjetivo-adjetivo, somente o último elemento vai para o plural:

Exemplos:

princípio *luso-brasileiro* – princípios *luso-brasileiros*

impasse *sócio-econômico* – impasses *sócio-econômicos*

folha *verde-escura* – folhas *verde-escuras*

8) Se temos adjetivo determinado por outro adjetivo ou por substantivo, não se flexiona o último elemento, pois o substantivo não concorda com nenhum termo e o adjetivo não requer concordância.

Exemplos:

casa *verde-galho* – casas *verde-galho*

mármore *branco-gelo* – mármore *branco-gelo*

tecido *azul-marinho* – tecidos *azul-marinho*

A partir das regras apresentados podemos compreender melhor o processo de formação de plural dos compostos. KEHDI (2002, p. 48), complementa que na regra 2 as formas navios-escolas e escolas-modelos também são aceitáveis, este fato não desfaz a regra apresentada.

## 5 OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Conforme KEHDI (2002, p. 48), os processos formadores de palavras mais comuns são a derivação e a composição. No entanto, há outros processos de formação de palavras que ocorrem frequentemente na língua portuguesa, conforme veremos as definições a seguir.

### 5.1 ONOMATOPÉIAS

Segundo KEHDI (2002, p. 48) são denominadas onomatopéias as palavras criadas para reproduzir “o som ou a voz de coisas ou de animais”. Na maioria das vezes são palavras monossílabas reduplicadas, que sofrem ou não alterações sonoras, por exemplo, *tique-taque*, *frufru*, *zunzum*, *toque-toque*, *cricri*.

De acordo com FARACO & MOURA (1999, p. 187), existem substantivos que procuram representar sons ou vozes, são derivados de onomatopéias e alguns deles podem originar verbos. Assim temos: *cício* (substantivo que representa a voz da cigarra) – *ciciar* (verbo), *pio* (substantivo que representa a voz de algumas aves) – *piar* (verbo), *zunzum* (substantivo que representa zumbido) *zunir* (verbo).

### 5.2 REDUPLICAÇÃO OU REDOBRO

Conforme KEHDI (2002, p. 50), ocorre reduplicação quando há repetição da sílaba radical de uma palavra. Esse processo é frequentemente empregado na formação das onomatopéias e também “*por apresentar conotação de carinho, figura nos nomes de parentesco na linguagem infantil*”, por exemplo, *papai*, *mamãe*, *titio*, *vovô*, *Lulu*, *Zeze*.

O autor ressalta as ocorrências de redobro intensivo, que ocorre quando empregamos repetidamente uma palavra para dar ideia de intensidade, por exemplo: *A garota é linda, linda – Volto logo, logo*. Há também o redobro em que o substantivo é empregado repetido com sentido de adjetivo: “*Esse é o queijo queijo (ou seja, o queijo de verdade)*.” (KEHDI, 2002, p. 50).

### 5.3 HIBRIDISMO

Segundo KEHDI (2002, p. 50), hibridismos são as palavras compostas ou derivadas que seus elementos formadores têm origem de diferentes línguas.

De acordo com o autor, as combinações mais comuns na nossa língua são de elementos gregos com latinos, por exemplo, *automóvel* (grego e latim), *sociologia* (latim e grego).

Além dessas combinações, existem outras formadas por diversas línguas: “*árabe e grego: alcalóide, alcoômetro – francês e grego: burocracia - alemão e grego: zincografia – latim e germânico: moscardo – árabe e tupi: caferana – tupi e grego: caiporismo – africano e latim: bananal (...).*” (KEHDI, 2002, p. 50)

O hibridismo também é frequentemente empregado na linguagem coloquial, vejamos alguns exemplos: “*sambódromo (português e grego), olhómetro (português e grego), desconfiômetro (português e grego), palpítômetro (português e grego).*” (FARACO & MOURA, 1999, p. 187).

### 5.4 SIGLAS

Conforme KEHDI (2002, p. 51), as siglas consistem na redução de títulos às letras iniciais das palavras que os compõem. Esse processo de formação é moderno e muito utilizado. Inclusive, muitas vezes, a sigla é mais empregada e conhecida do que o seu significado. Apresentamos a seguir algumas siglas muito comuns:

IBGE = Instituto Brasileiro de geografia e Estatística

ONU = Organização das Nações Unidas

PT = Partido dos Trabalhadores

VARIG = Viação Aérea Rio-Grandense (KEHDI, 2002, p. 50)

De acordo com CUNHA e CINTRA (2007, p. 131), com a generalização do uso das siglas, elas passam a ser consideradas palavras primitivas, inclusive, formadoras de derivados, como *petista, petebista, cegetista*. Esses autores consideram que

Atualmente, instituições de natureza vária – como organizações internacionais, partidos políticos, serviços públicos, sociedades comerciais, associações operárias, patronais, estudantis, culturais, recreativas, etc. – são, em geral, mais conhecidas pelas siglas do que pelas denominações completas. (CUNHA e CINTRA, 2007, p. 130).

A partir de FARACO & MOURA (1999, p. 187) são apresentados outros exemplos de siglas comuns na nossa língua e algumas palavras derivadas de siglas:

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

OEA – Organização dos Estados Americanos

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

(...) Não é raro que as siglas derivem palavras:

celetista – indivíduo cujo contrato de trabalho é regido pela CLT

uspiano – estudante da USP.

Segundo KEHDI (2002, p.53), as siglas podem ser separadas por pontos, por exemplo, U.S.A., no entanto, a forma mais usual é sem o ponto, como USA e ONU. Quanto à leitura das siglas, ela é realizada seguindo as regras gerais de leitura da língua, podendo cada letra ser pronunciada separadamente ou como um vocábulo.

Nem sempre uma instituição é conhecida pela mesma sigla em Portugal e no Brasil. No Brasil, por exemplo, denomina-se OTAN (= Organização do Trabalho do Atlântico Norte) o organismo que em Portugal se chama NATO (= North Atlantic Treaty Organization), por ter-se aí vulgarizado a sigla inglesa.

Por vezes há diferença de acentuação da sigla nos dois países. Diz-se, por exemplo, ONÚ em Portugal e ÔNU no Brasil. (CUNHA e CINTRA, 2007, p. 131)

## 5.5 ABREVIACÃO

A abreviação, conforme Kehdi (2002, p. 27), é um processo parecido com a da derivação regressiva, no entanto, apresenta características próprias. Enquanto na derivação regressiva é comum a mudança da classe gramatical das palavras, na abreviação a palavra não sofre essa mudança, ocorre apenas a sua redução.

De acordo com o autor, o traço distintivo mais relevante entre a derivação regressiva e a abreviação é que na abreviação a redução da palavra pode ocorrer de forma livre, ou seja, não há especificidade sobre qual elemento da palavra deve ser eliminado, entretanto, na derivação regressiva ocorre *“uma redução específica: elimina-se no vocábulo derivado o sufixo (real/suposto) ou a desinência do derivante.”* (KEHDI, 2002, p. 27)

Segundo CUNHA e CINTRA (2007, p. 130), o motivo que leva ao grande número de abreviação de palavras é que na sociedade atual em que, normalmente,

o ritmo de vida é acelerado e o tempo é algo muito importante, as pessoas procuram se comunicar da forma mais rápida, desde que alcance o mesmo nível de compreensão.

É o que sucede, por exemplo, com os vocábulos longos, e em particular com os compostos greco-latinos de criação recente: *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *moto* (por *motocicleta*), *ônibus* (por *auto-ônibus*), *pneu* (por *pneumático*), *quilo* (por *quilograma*), etc. (CUNHA e CINTRA, 2007, p. 131).

Conforme os autores, a forma abreviada de certas palavras é tão aceita e empregada pelos falantes que, na maioria das vezes, é considerada a única forma existente da palavra.

FARACO & MOURA (1999, p. 189), advertem que não devemos confundir esse processo de formação de palavras com os processos de abreviatura e sigla, apresentando os exemplos a seguir: “*cine – abreviação ou redução da palavra “cinema”*; *Av. – abreviatura da palavra “avenida”*; CPF – sigla que significa “Cadastro de Pessoaa Físicas”.”

Os autores anteriormente citados destacam as abreviações muito comuns para se referir aos times de futebol Flamengo e Fluminense quando disputam um jogo, os times são popularmente denominados Fla-Flu.

## 5.6 ABREVIATURA

Cláudio Cezar Henriques (2007, p. 138), é o único entre os referenciais pesquisados que cita a abreviatura entre os processos de formação de palavras. Segundo ele, diferentemente da sigla, a abreviatura não se forma, necessariamente, como um vocábulo formal, pois, ela é grafada com um ponto que a caracteriza como uma forma reduzida da palavra que a origina.

Quando se escreve “prof.”, lê-se “professor” (e não “prófi”) e quando um aluno chama, carinhosamente ou pejorativamente, seu professor de “prófi”, na verdade ele não fez uso de uma abreviatura (e sim de uma abreviação, que deve ser grafada “prófi” ou “profe”. (HENRIQUES, 2007, p.138).

Entendemos, portanto, que no caso de abreviação devemos ler a palavra da forma como ela está escrita, por exemplo, lemos *apê* que é a abreviação de *apartamento*, enquanto no caso de abreviatura devemos fazer a leitura da palavra

que originou a abreviatura, por exemplo, lemos doutor para a abreviatura *Dr.*, pois esta é a palavra que a formou.

## 5.7 NEOLOGISMO

De acordo com José De Nicola e Ulisses Infante (1999, p. 77), neologismo é o nome dado a uma palavra que adquire um novo significado ou a uma palavra recém-criada que passa a ser empregada na língua, ao ato de criar neologismos dá-se o nome de neologismar. Segundo os autores, para criar um neologismo é necessário, além da criatividade, seguir algumas normas linguísticas que estruturam as palavras, como o caso do neologismo a seguir:

do inglês *surf* temos a forma aportuguesada **surfe**. Acrescentando uma vogal temática de primeira conjugação ao radical **surf-**, temos o tema **surfa-**. Mais a desinência do infinitivo temos **surf**. Ainda com o radical **surf-** mais o sufixo **-ista** temos **surfista** (aquele que pratica o esporte). (NICOLA e INFANTE, 1999, p. 77)

De acordo com FARACO e MOURA (1999, p. 189) são vários os neologismos que estão fazendo parte da nossa língua, muitos são empregados com frequência, enriquecendo o léxico do nosso idioma. Os autores apresentam alguns neologismos que se incorporaram à língua portuguesa:

estresse – do inglês *stress*: conjunto de reações do organismo a agressões de ordem física, psíquica, infecciosa, e outras (...)

indoor – do inglês *indoor*: em ambiente fechado (...)

point – do inglês *point*: ponto de encontro para lazer ou diversão, sobretudo noturna (FARACO E MOURA, 1999, p.189)

Conforme HENRIQUES (2007, p. 138), o neologismo é um processo de formação de palavra semelhante ao hibridismo, diferenciando-se apenas na forma de adequação. De acordo com o autor os neologismos estão divididos em dois tipos que são subdivididos em partes menores.

### 5.7.1 TIPOLOGIA NEOLÓGICA

#### A ) NEOLOGISMOS LEXICAIS

Segundo HENRIQUES (2007, p. 138), recebe essa denominação a formação de palavras novas que ainda não pertencem ao dicionário ou que

pertencem há pouco tempo. Os neologismos são formados por critérios diversos, ocorrendo até mesmo por invenção de palavra que não tenha lógica linguística, ou seja, não tem base em nenhuma outra palavra existente.

HENRIQUES (2007, p.138), cita um trecho do samba de Nelson Sargento “Idioma Esquisito” que é constituído por diversas palavras proparoxítonas criadas num momento em que o eu-poético passa por um estado de embriaguez.

Fui fazer meu samba na mesa de um botequim,  
Depois de umas e outras, o samba ficou assim:  
Estrambonático, palipopético, cibalenítico, estapafúrdico,  
Protopológico, antropofágico, presolopépico, atroverático,  
Batunitétrico, pratofinândolo, calotolético, carambolâmbolu,  
Posolométrico, pratofilônico, protopológico, canecalônico.

(CD Néelson Sargento 80 Anos, 2005, apud HENRIQUES, 2007, p.139)

De acordo com HENRIQUES (2007, p. 138) alguns neologismos criados pelo eu-poético no botequim demonstram que ele está embriagado, mas ainda assim, cria neologismo com algumas palavras que seu sentido original remete a situação do eu-poético, como *cibalenítico*, em que *cibalena* é um remédio para dor de cabeça, *atroverático*, em que *atroverã* é um remédio para enjôo. Alguns neologismos parecem mistura de palavras, como *estrambonático*, que talvez seja a mistura de *estrambólico* com *lunático*, *prosolométrico*, que pode ser qualquer coisa com *métrico*, e assim por diante.

Conforme o autor, muitas vezes os neologismos lexicais são palavras que têm relação com outras, como *bebemorar*, que é a junção das palavras *beber* e *comemorar*, podemos entender que é, portanto, a ação de *beber* e *comemorar* simultaneamente. Temos também o neologismo *paitrocínio*, que se aproxima foneticamente da primeira sílaba da palavra que a forma, *patrocínio*, podemos entender que o neologismo se refere ao *patrocínio do pai*. Esse neologismo poderia representar a formação de um novo radical “*trocínio*”, para neologismos criados pelo mesmo processo, como *tiotrocínio*, *autotrocínio* e *familiotrocínio*.

## **B ) ESTRANGEIRISMO**

Temos outro caso de neologismo lexical, o estrangeirismo, no qual as palavras são empregadas “em sua grafia original (*gnocchi, show, slogan, pedigree, download*) ou aportuguesada (*nhoque, xou, eslogã, pedigree*).” (HENRIQUE, 2007, p.141).

Segundo HENRIQUES (2007, p. 140), muitas palavras da língua inglesa poderiam ser oficialmente grafadas na língua portuguesa, por exemplo, a palavra slogan poderia ser grafada eslogã, assim como as palavras existentes “bênção e órfã”. Para a palavra em inglês shampoo, temos a palavra xampu, assim poderíamos ter a grafia xou para show que também é uma palavra em inglês. Já a palavra download, que também é inglesa, poderia não sofrer alteração, pois não existe na língua portuguesa nenhum outro termo equivalente para fazer a adequação da grafia.

Conforme o autor, existe casos em que certas palavras estrangeiras são empregadas em outra língua com seu sentido alterado ou com alterações gráficas.

Isso ocorre no campo semântico (outdoor < ingl. = ao ar livre, empregado no português com o significado de “propaganda de forte apelo visual em via pública”) e no campo fonológico-ortográfico (cheeseburger > Xburger). Na linguagem da aviação, o vocábulo mayday é uma espécie de código de emergência usado internacionalmente. A “transgressão”, aqui, consiste no fato de que, embora esteja grafada em inglês, a palavra é na verdade uma corruptela da expressão francesa que lhe deu origem: “m’aider” (“ajude-me”) (HENRIQUES, 2007, p. 142).

Segundo HENRIQUES (2007, p. 142), o estrangeirismo ocorre na nossa língua devido ao contato linguístico que pode acontecer de diversas maneiras. No entanto, há muito tempo, vem-se tentando combater o estrangeirismo na língua portuguesa, porém a cada dia que passa novas palavras estrangeiras estão sendo empregadas no vocabulário português.

### **C ) NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS**

Conforme HENRIQUES (2007, p. 146), os neologismos semânticos ocorrem quando novos significados são atribuídos à palavras que já existem. Esses novos valores semânticos podem confundir-se com novos valores metafóricos atribuídos à mesma palavra. Assim:

O neologismo semântico “rato” praticado em Portugal não foi adotado no Brasil, que preferiu incorporar o estrangeirismo mouse. É nítido aqui que a palavra “rato” (ainda que por uma relação metafórica) representa um novo significado, uma peça usada em computadores. A notícia de jornal que lamenta a existência de inúmeros ratos na política nacional serve também como exemplo de neologismo semântico? A datação desse significado não é nova, mas não é isso apenas que exclui a resposta afirmativa.

### **D ) EPONÍMIA**

De acordo com HENRIQUES (2007, p. 146), a eponímia é um dos mecanismos mais produtivos de neologismos semânticos. O epônimo é a passagem

de um antropônimo, ou seja, nome próprio de uma pessoa, a um substantivo comum. Ele geralmente é empregado por meio do processo de metonímia, o qual deve ter uma relação próxima entre os nomes de pessoas e significações que não dispõe de um termo específico para expressar ou quando se propõe um novo nome. Esse processo difere da conversão, pois na conversão temos mudança de classe gramatical da palavra, enquanto no epônimo o que ocorre é a mudança de subcategoria, pois a palavra passa de substantivo próprio a substantivo comum.

Segundo HENRIQUES (2007, p. 147), o substantivo comum “camões” é um epônimo, pois significa indivíduo que enxerga com apenas um olho, que tem deficiência visual. O poeta português Luiz Vaz de Camões tinha essa característica física, só enxergava com um olho, daí a eponímia.

O substantivo comum pelé, na fase em que o jogador detinha já a alcunha de Rei do Futebol, passou a ser usado também com o sentido de “pessoa genial ou extraordinária” (Ex: Jorge Amado é o pelé da literatura). (HENRIQUES, 2007, p. 147)

De acordo com o autor, além dos epônimos criados a partir de pessoas reais, também podem ser criados epônimos de seres fictícios. A palavra *Amélia*, por exemplo, significa “mulher amorosa, passiva e serviçal.” (HENRIQUES, 2007, p. 147).

Conforme HENRIQUES (2007, p.147) a esses epônimos criados a partir de seres ficcionais pertencem “personagens de obras do cinema, do teatro, da televisão, da literatura e até da indústria de consumo”. Como as personagens: *drácula*, empregada como sinônimo de vampiro; *barbie*, empregada para denominar uma mulher bonita, de acordo com os padrões de beleza; *tarzã* e *hércules* que são empregadas como sinônimos de indivíduo com imensa força corporal; *capitu*, usada para descrever uma mulher de lealdade duvidosa; *emília*, denomina garota que tem muita curiosidade e esperteza; entre outras.

### 5.7.2 NEOLOGIA, LÉXICO E SEMÂNTICA

Segundo HENRIQUES (2007, p. 149), um neologismo só deixa de ser neologismo quando passa a ser reconhecido por algum dicionário de referência. Entretanto, muitos neologismos não possuem certas características necessárias para que sejam inseridas em dicionários.

A mídia e a publicidade costumam criar palavras muito particulares, cuja incorporação a um dicionário geral seria fora de propósito: argentinização, talibanesco, superdesconto, megapromoção – palavras que têm maior ou menor durabilidade no meio específico em que se empregam, quase ao sabor dos acasos ou dos achados. (HENRIQUES, 2007, p. 151).

De acordo com HENRIQUES (2007, p.151), no universo literário também podem surgir neologismos, alguns passam a ser muito conhecidos, entretanto, acabam se tornando eternos neologismos, pois, mesmo depois de muito tempo não são reconhecidos por nenhum dicionário geral. Conforme podemos observar no neologismo, criado em 1947, por Manuel Bandeira:

Beijo pouco, falo menos ainda.  
Mas invento palavras  
Que traduzem a ternura mais funda  
E mais cotidiana.  
Inventei, por exemplo, o verbo **teadorar**.  
Intransitivo:  
**Teadoro**: Teodora.

(Poesia e Prosa, v.1, “Belo Belo”, p.350 apud HENRIQUES, 2007, p. 151)

A partir de HENRIQUES (2007, p.152), podemos entender que os neologismos existem porque a língua é viva e, portanto, passível de mudanças. Alguns são criados por pura criatividade popular, outros decorrem da junção de alguma palavra com outra, adquirindo um novo significado, outros neologismos nem tem lógica na sua formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo concluímos que cabe à morfologia o estudo da forma das palavras, suas unidades mínimas de significado, o modo como elas estão dispostas, classificadas e estruturadas. A palavra é o principal instrumento de comunicação entre os falantes. Podemos formar enunciados com diversas palavras ou com apenas uma palavra e, mesmo assim, este enunciado ter significado completo.

Enquanto a morfologia lexical estuda a formação das novas palavras, tendo como mecanismo básico a derivação; a morfologia flexional estuda as estruturas gramaticais das palavras, como as conjugações verbais e as flexões de gênero, número e grau.

A Língua Portuguesa apresenta diferentes processos de formação de palavras, sendo que os mais comuns são a derivação e a composição. Dentro do processo de formação por derivação encontramos os afixos, que são elementos mórficos que se unem à base da palavra para formar uma nova palavra.

Os elementos que se prendem ao início da base da palavra são chamados prefixos. Eles têm relação semântica com as preposições e se anexam com mais frequência aos verbos que aos substantivos. Os prefixos não alteram a classe gramatical da nova palavra formada e muitos deles podem ser usados de forma livre, como preposições.

Sufixos são elementos mórficos que se prendem ao final da base da palavra e têm forma presa, ou seja, não são empregados de forma autônoma. Eles podem mudar a classe gramatical da palavra formada.

Entre os elementos que constituem a palavra temos: raiz, radical, tema, vogal temática, desinências e vogal e consoante de ligação. Quanto aos tipos de derivação, temos: derivação prefixal, derivação sufixal, derivação parassintética e derivação regressiva, cada uma delas depende da maneira como o afixo está inserido à raiz.

No processo por composição temos pelo menos duas raízes que se unem para formar uma nova palavra. Esse processo pode ocorrer de duas formas: por aglutinação, como em *lobisomem*, ou por justaposição, como em *guarda-chuva*. Em

muitos casos, o significado das palavras compostas não tem o mesmo significado das palavras que as formam. Cada tipo de formação de composto tem determinada maneira de flexão de número.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Renato. **Gramática objetiva da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à linguística..** Porto Alegre: Globo, 1974.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- FARACO e MOURA. **Gramática**. 19 ed. São Paulo, 1999.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. **Morfologia**. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1976.
- NICOLA, José De, INFANTE, Ulisses. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. 15 ed. São Paulo: Scipione, 1999.
- PETTER, M.M.T. **Morfologia**. In: FIORIN, J.L. **Introdução à linguística: II. Princípios da análise**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.